

Educação Infantil: O Ensino das Relações Étnicas Raciais

Early Childhood Education: The Teaching
of Ethnic Racial Relations

Educación de la primera infancia:
la enseñanza de las relaciones étnicas
y raciales

Imara Queiroz Bispo¹

¹ Mestra em Ensino e Relações Étnicas – Raciais pela Universidade Federal do Sul da Bahia. CV: <http://lattes.cnpq.br/8114349519066694>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2245-2959>. Email: imaraqueiroz@gmail.com. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa – Gemina - UFSB

RESUMO

Esta pesquisa é fruto de uma oficina realizada na Educação Infantil na época em que fui mestranda em Ensino e Relações Étnicas Raciais. Tem como objetivo proporcionar o ensino das relações étnicas raciais, destacando a importância dos/as negros/as na construção da sociedade brasileira para alunas e alunos da Educação Infantil a partir de diálogos decoloniais, utilizando metodologias dialógicas e expositivas. O referencial teórico contemplou discussões acerca de colonização, racismo, identidade racial. Os procedimentos metodológicos adotados consistiram numa oficina realizada no mês de novembro por simbolizar o mês da consciência Negra na Escola Joserinda Pereira localizada no município de Itacaré Bahia. Os dados obtidos indicam a presença do racismo e da ausência de pertencimento identitário. O racismo tem formas e estruturas e ocorre pela ausência de uma educação (de) colonial. Com base nos resultados e discussões apresentadas considera-se a importância do ensino para as relações étnicas raciais durante todo o ano letivo, assim como a formação dos profissionais da educação e família para as relações étnicas raciais.

PALAVRAS-CHAVE

Colonização; Relações Étnicas Raciais; Racismo

ABSTRACT

This research is the result of a workshop held in Early Childhood Education at the time I was a Master's student in Teaching and Ethnic Racial Relations. Its objective is to provide the teaching of ethnic racial relations, highlighting the importance of black people in the construction of Brazilian society for students of Early Childhood Education from decolonial dialogues, using dialogic and expository methodologies. The theoretical framework included discussions about colonization, racism, racial identity. The methodological procedures adopted consisted of a workshop held in November to symbolize the month of Black Consciousness at the Joserinda Pereira School located in the municipality of Itacaré Bahia. The data obtained indicate the presence of racism and the absence of identity belonging. Racism has forms and structures and occurs due to the absence of a (de) colonial education. Based on the results and discussions presented, the importance of teaching for ethnic racial relations throughout the school year is considered, as well as the training of education and family professionals for ethnic racial relations.

KEYWORDS

Colonization; Ethnic Racial Relations; Racism

RESUMEN

Esta investigación es el resultado de un taller realizado en Educación Infantil en la época en que yo era estudiante de maestría en Docencia y Relaciones Étnicas Raciales. Su objetivo es brindar la enseñanza de las relaciones étnicas raciales, destacando la importancia de los negros en la construcción de la sociedad brasileña para los estudiantes de Educación Infantil desde los diálogos decoloniales, utilizando metodologías dialógicas y expositivas. El marco teórico incluyó discusiones sobre colonización, racismo, identidad racial. Los procedimientos metodológicos adoptados consistieron en un taller realizado en noviembre para simbolizar el mes de la Conciencia Negra en la Escuela Joserinda Pereira ubicada en el municipio de Itacaré Bahía. Los datos obtenidos indican la presencia de racismo y la ausencia de identidad de pertenencia. El racismo tiene formas y estructuras y se produce por la ausencia de una educación (des) colonial. Con base en los resultados y discusiones presentados, se considera la importancia de la enseñanza para las relaciones étnicas raciales a lo largo del año escolar, así como la formación de profesionales de la educación y la familia para las relaciones étnicas raciales.

PALABRAS CLAVE

Colonización; Relaciones étnicas y raciales; Racismo

INTRODUÇÃO

Pesquisar sobre o ensino das relações étnicos raciais na Educação Infantil – pré-escola, é desafiador, sendo que toda a construção histórica social, política brasileira foi formada a partir de estruturas racistas, machistas, patriarcais. Mediante esse processo as escolas brasileiras reproduzem durante séculos estruturas comportamentais que depreciam, diminuem, marginalizam os povos pretas/pretos oriundos do povo Africano.

Nesse sentido a pesquisa justifica-se pela necessidade de promover a investigação através da pesquisa-ação, pautada na formação de crianças e professores sobre as relações étnicos raciais com o intuito de construir e desconstruir conhecimentos sobre a temática pesquisada.

Discutir a origem do racismo, é apresentar o processo de colonização que ocorreu a pouco mais de quinhentos anos e transcorrer por conhecimentos eurocêntricos e afro centrado. Nesse sentido, a origem da formação do Brasil perpassa pelas etnias indígenas já existente antes da invasão; etnias Africanas- sequestrados e forçados a atravessar o Atlântico para o caminho da escravidão; e os portugueses- colonizadores projetados intencionalmente para invadir, colonizar, escravizar e oprimir aquela/e que não estavam na circunferência do centro da Europa.

Através da construção educativa/o materno, formal e não formal, dos sujeitos é muito comum observar comportamentos que deixam em destaque as ascendências e descendência de países europeus. “Sou de origem italiana”, “sou de origem francesa”, “meus avós são espanhóis” etc. Esses dizeres ocorre em todos os meios de diálogo, porém, é na educação infantil que se reproduz e propaga o comportamento colonizado, excluindo e invisibilizando povos que aqui estavam e que aqui chegaram ocasionado as diversidades de etnias, cultural e religiosa.

Quem somos? De onde viemos e para onde vamos? Estas questões aparentemente simples são de uma grande complexidade, pois remetem à origem histórica de cada povo, sua composição étnico-cultural e seus problemas sociais na sociedade global, entre outros. (MUNANGA. 2015, p.21)

Munanga, traz uma reflexão importante sobre a origem dos povos e as consequências sociais, étnicas, causada pela epistemicídio e genocídio da população negra. “As consequências de tudo isso engendram as desigualdades e se caracterizam como violação dos direitos humanos, principalmente o direito de ser ao mesmo tempo igual e diferente” (MUNANGA. 2015, p.21).

Em pleno século XXI, as consequências geradas pelo colonialismo/imperialismos geram sujeitos aptos a produzirem e reproduzirem os padrões estruturais que impactua diretamente a população negra e indígena. População esta, que vive às margens de uma falsa democracia que invisibilizam os direitos dessas populações étnicas. “Os responsáveis do país pareciam viver com a consciência tranquila, de acordo com o ideal do mito de democracia racial que apresenta o Brasil como um paraíso racial, isto

é, um país sem preconceito e discriminação raciais” (MUNANGA. 2015, p.23).

A constituição de 1988 atribuía o direito a demarcações de terras às populações indígenas e quilombolas, porém, efetivou-se somente no ano de 2003 na Presidência de Luiz Inácio Lula da Silva, onde permitiu-se as demarcações das terras para indígenas e quilombolas como forma de reconhecimento e reparação para os povos originários e quilombolas. O movimento Negro fez/faz parte do movimento, dentre outras lutas antes e depois da nova constituição. Esse direito foi de grande importância para a questão do pertencimento identitário, pois diante da formação social, a identidade dos povos foi se perdendo ao longo dos tempos. O pertencimento é um ato político ao qual influencia o sujeito a se reconhecer à sua origem influenciando outras e outros jovens negras/os a valorizarem sua origem.

Diante do contexto, o objetivo geral da pesquisa é proporcionar o ensino das relações étnico raciais para alunas e alunos da Educação Infantil – pré-escola a partir de diálogos decoloniais, utilizando metodologias dialógicas e expositivas. Entretanto, partimos para o seguinte questionamento: como dialogar sobre identidade racial, racismo e a história do Brasil para crianças de 4 anos da Educação Infantil? Busco, levar teoria que expressa a história da invasão no novo território, hoje chamado Brasil, assim como a vida de crianças Africanas no território Africano através de vídeo em desenho animado, vídeos clips. Por fim, espera-se que a pesquisa desperte em alunas/os, professoras/professores para a importância para uma Educação Étnico Racial e antirracista na educação infantil.

CONSTRUINDO E (DE)COLONIZANDO SABERES SOBRE O BRASIL

Refletir sobre a história do Brasil no século XXI é compreender o lugar do sujeito (o eu e o outro). É encontrar através da pedagogia decolonial a posição dos sujeitos numa sociedade que foi construída a partir de concepções do eurocentrismo. Diante dessa perspectiva de conhecimento ao longo de todos os séculos (a partir da invasão) incutiu-se no imaginário da sociedade com a contribuição do ensino formal a romantização do descobrimento do Brasil com seus respectivos heróis (reis, rainhas, príncipes, princesas). Os Índios eram denominados de Selvagens e os Negros de povos sem alma, sem identidade e que por isso estavam em posição muito inferior ao homem branco.

O conhecimento eurocêntrico traz o colonizador (branco) como a raça superior e as que diferenciam, como inferior. Nessa perspectiva, surge o projeto colonial onde o sujeito – o outro é tirado à força do seu país/continente para serem escravizados no continente americano, especificamente o Brasil. “Devemos, assim, começar examinando o maior de todos os escândalos, aquele que ultrapassou qualquer outro na história da humanidade: a escravização dos povos negro-africanos.” (NASCIMENTO.1978, p.48). Muitas famílias de diversas etnias foram condenadas a atravessarem o atlântico para servir de escravo aos colonizadores. Esse processo

propiciou o genocídio da população negra na diáspora. Milhões de Africanos/as eram jogadas no oceano vítimas de fome, doença e torturas nos próprios navios. “A imediata exploração da nova terra se iniciou com o simultâneo aparecimento da raça negra fertilizando o solo brasileiro com suas lágrimas, seu sangue, seu suor e seu martírio na escravidão.” (NASCIMENTO. 1978, p.48). Desta forma, ainda de acordo com Nascimento as atividades agrícolas estavam em expansão pela costa entre Bahia e Pernambuco por volta do ano de 1530. Entretanto, o Brasil por possuir riquezas naturais que enchiam os olhos do colonizador para a exportação e comércio do tipo: ouro, cana de açúcar, madeira de lei, café dentre tantos, a população Africana habitou por todo território Brasileiro.

Desta forma, o povo negro escravizado, construiu o Brasil à custa de muito sofrimento físico e psicológico, ou seja, quando se fala em construção fala-se da mão de obra escravizada que levantou prédios, igrejas, casas, engenhos, fazendas sem ao menos terem os créditos das construções e produções muitas das vezes artísticas, matemáticas.

Isto não só por causa da ausência de estatísticas merecedoras de crédito, mas, principalmente, consequência da lamentável Circular Nº 29. de 13 de Maio de 1891, assinada pelo Ministro das Finanças. Rui Barbosa, a qual ordenou a destruição pelo fogo de todos os documentos históricos e arquivos relacionados com o comércio de escravos e a escravidão em geral. (NASCIMENTO.1978, p. 49)

Tudo do que se tinha de registro da população Africana foi exterminado pelo Ministro Rui Barbosa, levando ao extermínio o pouco que se sabia da população que vieram forçadamente para o Brasil. Com isso compreende-se que o processo de apagamento de uma identidade racial perpassa pelo domínio de poder do colonizador em apagar registros que os acusariam e os transformariam em vilões da história brasileira.

As tentativas de apagamento da etnia Africana foram muito profundas, deixando marcas que perpassam à contemporaneidade. Os termos originários para se referir aos povos de origem Africana, incomodava os colonizadores a ponto dos mesmos inserirem propositalmente codinomes aos povos. Esse hábito naturalizou-se de tal forma que ao longo dos séculos existiu na sociedade escritores/as brancos/as que se apropriavam dos eufemismos para se expressarem na literatura. Nesse jogo de palavras NASCIMENTO (1978) destaca:

Freyre cunha eufemismos raciais tendo em vista racionalizar as relações de raça no país, como exemplifica sua ênfase e insistência no termo morenidade; não se trata de ingênuo jogo de palavras, mas sim de proposta vazando uma extremamente perigosa mística racista cujo objetivo é o desaparecimento inapelável do descendente africano, tanto fisicamente quanto espiritualmente, através do malicioso processo de embranquecer a pele negra e a cultura do negro. (NASCIMENTO. 1978. p.43)

Outros exemplos de eufemismo criado pelo colonizador refere-se aos povos Negros durante a colonização e sobrevivendo à contemporaneidade, foram termos

que igualava o homem Negro a animais impuros. KILOMBA (2019) traduz esses significados em seu livro *Memórias da Plantação – Episódios de racismo cotidiano* na qual destacava:

Os termos mais comuns são: m. (mestiça/o), palavra que tem sua origem na reprodução canina, para definir o cruzamento de duas raças diferentes, que dá origem a uma cadela ou um cão rafeiro/a, isto é, um animal considerado impuro e inferior; m. (mulata/o), palavra originalmente usada para definir o cruzamento entre cavalo e uma mula, isto é, entre duas espécies animais diferentes, que dá origem a um terceiro animal, considerado impuro e inferior; c. (cabrita/o), palavra comumente usada para definir as pessoas de pele mais clara, quase próximas da branquitude, sublinhando a sua negritude e definindo-as como animais. (KILOMBA. 2019, p.19-20)

Essas nomenclaturas foram romantizadas ao longo, com o intuito de apagar o termo Africano/a do contexto social do novo mundo e com o desejo de criar uma nova raça a partir da mestiçagem.

Diante de todo o contexto, o racismo estrutural perpassa por toda a história da população Africana/afro-brasileira e traduz a vida dessa população na diáspora, trazendo o racismo, a marginalização dos povos, opressão, genocídio, feminicídio, homofobia, etc. “Isto graças ao colonialismo português que permanentemente adotou formas de comportamento muito específicas para disfarçar sua fundamental violência e crueldade”. (NASCIMENTO. 1978, p. 50)

O RACISMO NO AMBIENTE ESCOLAR

Partindo de conceitos eurocêntricos os sujeitos de direitos são frutos de uma educação eurocêntrica que determina os impactos gerados por essa construção. MUNANGA (2005), destaca que esses sujeitos produzem consciente ou inconscientemente o preconceito e o racismo enraizado na sociedade. Alguns exemplos que destacam o racismo na escola são os modelos hegemônicos de instrumentos que excluem a representatividade dos povos negros no livro didático, nos painéis decorativos das escolas. Nos livros didáticos os povos africanos e afro-descendentes são destacados como escravo, inferior e subalterno ao branco, “o outro”. Esses modelos perpassaram/perpassam por todos os séculos (da colonização até a contemporaneidade).

Sabemos que nossos instrumentos de trabalho na escola e na sala de aula, isto é, os livros e outros materiais didáticos visuais e audiovisuais carregam os mesmos conteúdos viciados, depreciativos e preconceituoso em relação aos povos e culturas não oriundos do mundo ocidental. (MUNANGA, 2005, p.15)

Entretanto, muito se sabe que os docentes na sua maioria não tem formação e conhecimento descolonizado para compreender as nuances do racismo presente

no ambiente escolar e no meio social. “No entanto, alguns professores, por falta de preparo ou por preconceitos neles introjetados, não sabem lançar mão das situações flagrantes de discriminação no espaço escolar”. (MUNANGA, 2005, p.15) O racismo e os preconceitos são irrigados nesse ambiente como sementes e espalhado por todo o meio social como família, trabalho, esporte, instituições etc.

Observando-se de uma forma determinista o problema, que é em grande parte relativizado pela ação humana, como veremos a seguir, os professores, a quem é atribuída a ação de contemplar as diferenças culturais na sua prática pedagógica, poderiam ter internalizado o senso comum da desigualdade das diferenças culturais e não evidenciar na sua prática pedagógica essa ação. (MUNANGA, 2005, p.22)

Nas instituições escolares o racismo afeta psicicamente e intelectualmente alunos/as negros/as, pois o processo de exclusão e segregação acontece de forma explícita, ou seja, quando se percebe grupos de alunos/as de tom de pele clara e nenhum aluno/a negro/a naquele meio; quando se percebe que a atenção do professor/a está voltado somente para os alunos brancos. Esse comportamento foi/é muito comum na escola e na sociedade.

Nesse sentido, afirmo que cabe uma formação específica para o professor de Ensino Fundamental, com o objetivo de fundamentá-lo para uma prática pedagógica, com as condições necessárias para identificar e corrigir os estereótipos e a invisibilidade constatados nos materiais pedagógicos, especificamente nos textos e ilustrações dos livros didáticos. (MUNANGA, 2005, p.22)

Muito se sabe que as escolas públicas do Brasil são instituições na sua maioria carentes de estrutura física e de equipamentos tecnológicos e pedagógicos. O livro didático é, entretanto, o principal instrumento de leitura e pesquisa nas instituições escolares pública. Desse modo, o livro aborda de forma superficial a história, cultura da população negra. “Em relação à população negra, sua presença nesses livros foi marcada pela estereotipia e caricatura, identificadas pelas pesquisas realizadas nas duas últimas décadas.” (MUNANGA, 2005, p.23). A representação da população negra no livro didático está sobre o olhar da subalternidade e inferioridade. Nessa perspectiva a política de branqueamento se fortalecia na sociedade mediante o processo de estigmatização e inferiorização do “o outro”. Esse processo impactou a população negra pelo fato de “o outro” ser um sujeito dotados de sofrimentos físicos, psíquicos desde o nascimento, e que por esse motivo tinha uma projeção de si a partir do homem branco.

Não ser visível nas ilustrações do livro didático e, por outro lado, aparecer desempenhando papéis subalternos, pode contribuir para a criança que pertence ao grupo étnico/racial invisibilizado e estigmatizado desenvolver um processo de auto-rejeição e de rejeição ao seu grupo étnico/racial. (MUNANGA, 2005, p.25)

Investir numa educação antirracista proporciona a valorização não somente da etnia negra, mas de todas as etnias como forma assumir a diversidade existente no país e a partir dela possibilitar a consciência étnico transformando a sociedade em uma verdadeira democracia.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi realizada na Escola Joserinda Pereira, localizada no município de Itacaré, Bahia. A escola trabalha com a etapa da Educação Infantil – pré-escola.

A oficina cuja temática era: A importância da identidade afro-brasileira contou com a participação de alunos/as com faixa etária entre 5 a 6 anos de idade e a professora da turma.

Como referencial metodológico da pesquisa teve como início revisão bibliográfica dos estudos decoloniais apropriando-se de autores como MUNANGA (2015), NASCIMENTO (1978), KILOMBA (2019).

Trata-se de uma pesquisa-ação, onde, buscou-se a intervenção no espaço educacional como estratégia de desenvolvimento do processo da pesquisa. Neste, possibilitou a interação dos sujeitos como instrumento de observação para possíveis resoluções de problemas.

A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos, mas mesmo no interior da pesquisa-ação educacional surgiram variedades distintas. (TRIPP. 2005, p.445)

Para efetivação da pesquisa, buscou-se identificar o problema com o objetivo, planejar e implementar metodologias que alcançasse o ensino e a aprendizagem dos sujeitos. “A solução de problemas, por exemplo, começa com a identificação do problema, o planejamento de uma solução, sua implementação, seu monitoramento e a avaliação de sua eficácia.” (TRIPP. 2005, p.246). Esse foi o ciclo com o qual percorreu o processo de investigação. A abordagem foi essencialmente qualitativa com o intuito de interpretar os dados obtidos com a intenção de alcançar a subjetividade dos sujeitos para as questões relacionadas às relações étnicos raciais. Desta forma, compreende-se a pesquisa qualitativa da seguinte forma:

Sua matéria prima é composta por um conjunto de substantivos cujos sentidos se complementam: experiência, vivência, senso comum e ação. E o movimento que informa qualquer abordagem ou análise se baseia em três verbos: compreender, interpretar e dialetizar. (MINAYO. 2012, p 622)

Nesse sentido, a presente pesquisa vivenciou práticas pedagógicas e contextos de vida na educação infantil que perpassava pelas questões da colonização do saber,

se de forma dialógica o conhecimento sobre o mito romantizado do descobrimento do Brasil. Na contextualização abordou-se sobre os povos originários-indígenas que aqui existiam antes da invasão, assim como a história da chegada dos Africanos até a América. A partir dessa contextualização abordou-se o impacto e reflexo do processo escravocrata na sociedade contemporânea, ou seja, foram expostos questionamentos para interação onde se perguntava: o que é o racismo? Porque que o racismo acontece? Qual a forma de combater o racismo? Será que a resposta tem a ver com toda a história dos Africanos que foram forçados a vir para o Brasil?



Fig.2, Imara Queiroz, Apresentação do Vídeo de animação sobre: Os Africanos – Raízes do Brasil, 2019.

Logo após o diálogo, foi apresentado um vídeo para os/as alunos/as cuja temática abordava Os Africanos – Raízes do Brasil #3 do ano de 2016, no formato de desenho animado disponibilizado no youtube¹. Após esse momento foi aberto o espaço para diálogo e interação sobre os povos Africanos/Afro-brasileiros e neste processo a percepção dos/as alunos/as foi fundamental para a pesquisa.

O último momento foi apresentar para os sujeitos da pesquisa, vídeos mostrando como vivem algumas crianças do continente Africano e como a arte da dança influencia para que os/as mesmos/as vivam felizes valorizando sua cultura, identidade e seus povos. Os vídeos apresentados foi: *Masaka Kids Africana Dancing Serebu By Eddy Kenzo*, disponível no youtube²:

1 Vídeo Os Africanos – raízes do Brasil, fala das raízes africanas e sua importância na formação do Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fGUFwFYx46s>

2 Vídeo Os Africanos – raízes do Brasil, fala das raízes africanas e sua importância na formação do Brasil. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YIBjuNvatrs>



Fig. 3, Imara Queiroz, Conhecendo a Cultura da dança e da música de crianças Africanas em países do continente Africano, 2019.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A organização do espaço de sala de aula foi muito importante para o momento de diálogo e interação do conhecimento. Desconstruir os padrões eurocêntricos até mesmo nas configurações de montagem do espaço de ensino e aprendizagem é fundamental.

Os resultados obtidos proporcionaram uma leitura e interpretação relacionado a todo o processo de colonização ao qual o país passou. No primeiro momento da dinâmica alguns alunos se titulavam como cor de chocolate, outros como misturados ou morenos, alguns se reconheciam como pretos/as, outros tiveram muita dificuldade em falar sua cor justificando antes a branquitude de um dos seus genitores. Diante desse fato, foi explicado para os sujeitos da pesquisa a importância de se reconhecer como preto/a, negro/a ou afrodescendente. Compreender a identidade e ter pertencimento de cor, raça, religião é resistir e lutar contra um sistema colonial que provocou/provoca na etnia Africana/Afros-brasileiros, medos e sentimentos de não aceitação à sua identidade racial.

Esse impacto de aceitação e pertencimento é reflexo da colonização/imperialização das Américas, onde a população negra foi impulsionada a trabalho escravo e sofrimentos físicos e psicológicos. Nesse processo os Africanos não tinham mais direito de ter uma história, sua identidade, seus rituais religiosos, ou seja, tudo foi apagado de forma brutal e o que restou foi tentar reproduzir os comportamentos eurocêntricos para tentar sobreviver do genocídio na diáspora ao qual a população

negra também foi submetida. Abdias Nascimento traz essa reflexão, "Devemos, assim, começar examinando o maior de todos os escândalos, aquele que ultrapassou qualquer outro na história da humanidade: a escravização dos povos negro-africanos." (NASCIMENTO. 1978, p.48). Eram sujeitos, dotados de conhecimento, cultura, identidade, costumes, famílias, religião como qualquer outra etnia. Trinta anos após a colonização dos portugueses, os próprios capturaram os povos Africanos para servirem de escravo/a para os portugueses que haviam invadido a América. Esses povos trabalhavam para o homem branco (portugueses) sem direito a salário, moradia, alimentação digna. Os mesmos não tinham direito de cultuar suas religiões, pois o homem branco tinha o pensamento de superioridade para com os homens e mulheres negros/as.

Diante dos questionamentos abordados sobre o impacto e reflexo do sistema escravista na sociedade contemporânea, os alunos conseguiram compreender que o motivo foi por causa dos portugueses que escravizaram os povos Africanos. Entenderam que o racismo vem de todo esse processo histórico de colonização que definiam os povos Africanos/afros-brasileiros como raça inferior. Diante do que foi exposto compreenderam que para combater o racismo é necessário respeitar a raça, a cor a religião um dos outros e como exemplo destacou-se a união e respeito aos colegas afro-brasileiros da classe.

Da classificação grosseira dos negros como selvagens e inferiores, ao enaltecimento das virtudes da mistura de sangue como tentativa de erradicação da "mancha negra"; da operatividade do "sincretismo" religioso; à abolição legal da questão negra através da Lei de Segurança Nacional e da omissão censitária- manipulando todos esses métodos e recursos - a história não oficial do Brasil registra o longo e antigo genocídio que se vem perpetrando contra o afro-brasileiro. Monstruosa máquina ironicamente designada "democracia racial" que só concede aos negros um único. (NASCIMENTO.1978, p.93)

Ao finalizar, introduzimos a dinâmica que iniciou a oficina. Perguntei novamente a cada aluno/a qual era a sua cor de pele. O resultado foi fantástico! Todos/as aqueles/as que tiveram dificuldade em verbalizar o termo preto/a no final estavam todos falando da sua cor e raça com muito orgulho e animados. A alegria dos afros-descendentes era contagiante no ambiente escolar. Os vídeos clips do Masaka Kids Africana, fizeram a alegria dos alunos/as, fazendo eles dançarem com o mesmo ritmo das crianças Africanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa proporcionou a perspectiva de ensino para as relações étnicas raciais na Educação Infantil. A partir da pesquisa-ação foi possível dialogar e compreender através dos sujeitos a estrutura colonial refletida no psíquico e no

comportamento das crianças de 5 a 6 anos de idade.

A oficina possibilitou um olhar (de) colonial sobre a origem dos povos negros e os impactos negativos diante a colonização dos portugueses. A educação antirracista fez parte da contextualização e práxis. Os sujeitos da pesquisa puderam compreender a importância de respeitar as diferenças uns dos outros, seja ela, na cor, na raça ou na religião.

A intervenção possibilitou-me um olhar sensível para o ensino nas relações étnicos raciais na primeira infância, pois é nesta etapa que os sujeitos inserem-se no mundo da diversidade étnico racial, religiosa, gênero etc. Por isso a importância de uma educação antirracista que possibilite as novas gerações (de) colonizarem o pensamento que há muito foi/é colonizado pelos seus ascendentes. Isso só é possível através do ensino (de) colonial, educação antirracista, e formação de professores/as para as relações étnicos raciais. Infelizmente muito da cultura da educação formal do Brasil é a reprodução de métodos de ensino eurocêntricos que não permite perceber “o outro” como sujeito que sofreu impactos sociais, raciais e econômicos por um sistema histórico escravista. E que em pleno século XXI o colonizador ainda é visto como os descobridores e heróis de uma diversidade étnica.

Por fim, vale destacar a importância da continuidade das pesquisas de intervenção em um número maior de escola urbanas e rurais com o objetivo de promover o ensino para as relações étnicos raciais assim como observar esses impactos e transformá-las em pesquisas científicas, proporcionando à comunidade acadêmica no geral elementos que comprovam o estudo.

REFERÊNCIAS

KILOMBA, Grada. 1968. **Memórias da Plantação – Episódios de racismo cotidiano**. Tradução Jess Oliveira. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 17, p. 621-626, 2012.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?. **Revista do Instituto de Estudos brasileiros**, p. 20-31, 2015.

MUNANGA, Kabengele. Superando o Racismo na Escola, 2ª edição. **Ministério da Educação, Secretaria da Educação e Diversidade**, 2005.

NASCIMENTO, Abdias. O Genocídio do Negro Brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**, v. 31, p. 443-466, 2005.

Submissão: **29/10/21**

Aprovação: **06/12/21**